

“O Dharma das Armas”: origem e significados da iconografia marcial encontrada no Budismo

The Dharma of the Weapons”: origin and meanings of Buddhist martial iconography

Rodrigo Wolff Apolloni*

Resumo: Apesar de pouco percebidas nas sociedades ocidentais acostumadas com figuras como a do “Buda Sorridente” ou do “Buda Meditativo”, divindades armadas e ferozes são comuns na iconografia budista de países como Índia, Tibete, China, Coreia e Japão. Neste artigo, investigamos a origem de algumas dessas divindades, em especial as do contexto mahayanista, e buscamos nos aproximar do significado simbólico das armas que elas portam. O objetivo é perceber o valor atribuído à iconografia marcial no contexto do Budismo. Subsidiariamente, tecemos considerações a respeito do afastamento das sociedades ocidentais não budistas em relação aos “Budás armados” e à sua aceitação em relação a figuras como as do “Buda Sorridente” e do “Buda Meditativo”.

Palavras-chave: Budismo; Hinduísmo; iconografia religiosa; violência; transculturalidade.

Abstract: Although little noticed in Western societies accustomed with figures such as the “Laughing Buddha” or the “Meditating Buddha”, armed and fierce deities are common in Buddhist iconography in India, Tibet, China, Korea and Japan. This article investigates the origin of these deities – especially in Mahayanist context – and analyses the symbolic meaning of the weapons they carry. The goal is to realize the value assigned to the iconographic violence in the context of Buddhism. The article also formulates hypotheses about the distance of Western societies in relation to non-Buddhist “armed Buddhas” and its acceptance in respect of figures such as the “Laughing Buddha” and “Meditating Buddha”.

Keywords: Buddhism, Hinduism, iconography, violence, transculturality.

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP; Doutor em Sociologia pela UFPR. Pesquisador do Centro de Estudos de Religiões Alternativas de Origem Oriental (CERAL/PUC-SP). Contato: rwapolloni@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

“A iconografia budista nos revela um inesperado aspecto da fé. O Buda é usualmente flanqueado por deuses fortemente armados e de feições ferozes – seres que espezinham demônios com os pés.”
(Meir Shahr)¹

Muitas vezes, no contexto das sociedades ocidentais, o Budismo é associado à paz ou a uma atitude de serenidade e relaxamento. Isso pode ser percebido, por exemplo, na chegada da palavra “Zen”² ao vernáculo. Consultando dicionários da língua portuguesa, observamos que o termo foi incorporado à língua tanto em seu significado original, que identifica um ramo ou escola do Budismo, quanto representando algo que *“revela ou reflete a serenidade, a simplicidade etc. próprias do zen-budismo”* ou, então, *“que está ou aparenta estar em um estado de calma; que não apresenta reação”*³. Não é raro, de fato, ouvir frases do tipo *“Fulano é zen”* ou, *“Relaxe, fique zen!”*.

No Ocidente, a palavra também surge em atividades e serviços ligados à sociabilidade, ao prazer e à saúde. Ela evoca um “Oriente” sofisticado, exótico, místico e sensual - em uma cidade como Curitiba, por exemplo, aparece em restaurantes, casas de massagem e espaços de terapias corporais⁴.

A força da associação Budismo/paz/bem-estar é ainda significativa no contexto de uma iconografia religiosa que, entre nós, também migrou para o arsenal dos objetos puramente decorativos ou “mágico-decorativos”, que abrange cristais, duendes, incensários, dragões, anjos, fadas e santos. Para muitos não budistas, a palavra Buda evoca a imagem risonha e gorda das feiras de artesanato e lojas de artigos esotéricos (originalmente, Hotei ou Pu-T’ai, manifestação do Buda Maitreya⁵) ou, então, o personagem de olhos semicerrados em postura de meditação sentada ou ajoelhada (Fig. 01)⁶.

¹ SHAHAR, M., O Mosteiro de Shaolin, p.37.

² A palavra Zen é a transliteração japonesa do termo chinês “Chan”, que, por sua vez, é a transliteração do sânscrito “Dhyana”, cujo significado é “meditação”. A palavra também identifica uma das escolas mais célebres do Budismo. Ver BUSWELL, R.: LOPEZ, D., The Princeton Dictionary of Buddhism, p.1050.

³ A primeira definição é do dicionário brasileiro Caldas Aulete; a segunda, do dicionário eletrônico português Priberam.

⁴ “Menina Zen”; “Zen Massagens” e “Zen Pilates”.

⁵ No Japão, o personagem também integra o grupo dos “Sete Reis da Fortuna” (Shichi Fukujin), muito estimado no contexto da religiosidade popular. Ver FRÉDÉRIC, L., Buddhism – Flammarion Iconographic Guides, p.802.

⁶ À esquerda: “Rainbow Laughing Buddha”, à direita: “Alpine Buddha Decorative Statue”;

Por um lado, é possível associar a serenidade, o relaxamento e a alegria desses "Budas de feira de artesanato" a uma disposição para a não violência, primeira das condições indicadas nos Cinco Preceitos Budistas (*Pancasila*, regramento essencial dos adeptos da religião)⁷. Por outro lado, essa mesma leitura denota o grau de afastamento do público não budista em relação à religião: para boa parte das pessoas, existe, quando muito, uma percepção genérica associada a um estado mental.



Figura 01 - Buda "Sorrisidente" e Buda "Meditativo" - peças encontradas em lojas de decoração.

Diante desse perfil de contato, acreditamos ser difícil, para boa parte dos brasileiros, relacionar o Budismo e representações iconográficas que indiquem agressividade, tensão e violência.

Neste artigo, pretendemos trabalhar com algumas dessas representações "agressivas", buscando compreender sua origem e as conexões religiosas que as constituíram. Na medida em que os documentos produzidos pelas muitas escolas budistas contam-se aos milhares, e que o número de representações iconográficas da religião é igualmente amplo nos países asiáticos que recepcionaram o Budismo, não temos a pretensão de ser exaustivos.

Nossa proposta é colaborar para os estudos budistas brasileiros relacionados à iconografia, apontando um aspecto que, entre nós, ainda é pouco explorado. Em termos subsidiários, este artigo também participa dos estudos que examinam as representações ocidentais e brasileiras das culturas religiosas da Ásia.

⁷ Sobre os Cinco Preceitos, ver, por exemplo, DAHLKE, P., *The Precepts in Buddhism*; BIKKU Silācāra, *Taking the Precepts* e OATES, L., *The Role of Precepts*.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIMBOLISMO DAS ARMAS

Não é rara, entre as muitas representações budistas de divindades ou seres de natureza espiritual, a presença de figuras armadas com espadas, bastões e *vajras*⁸. De modo geral, essas peças se ligam ao ferramental de trabalho do extenso grupo dos *Dharmapalas* ou “Protetores da Lei”, entidades “normalmente representadas em estado colérico, que defendem o Budismo de seus inimigos e guardam os praticantes das diversas formas internas e externas de perigo”¹⁰. Suas armas cumprem uma função ao mesmo tempo defensiva e profilática.

O significado das armas no contexto do Budismo não foge a um padrão comum percebido pelos estudiosos do campo dos símbolos e da iconografia. Juan Eduardo Cirlot, por exemplo, identifica as armas de um herói ou de um deus como sendo:

a contraparte dos monstros contra os quais se deve lutar. Assim como há diferentes tipos de monstros, há diferentes tipos de armas. Contudo, a arma utilizada em um combate mítico possui um significado profundo e específico: ela define tanto o herói quanto o inimigo que ele está tentando destruir. [...] Armas, portanto, simbolizam os poderes e funções da sublimação e da espiritualização em contraste com os monstros, que pertencem às forças mais baixas.¹¹

Tais armas possuíam tal significado que, muitas vezes, eram produzidas por ferreiros sagrados – divindades como Hefesto – e especialmente entregues a deuses e a heróis que haveriam de iniciar uma jornada rumo à evolução espiritual, à destruição de forças demoníacas ou à hegemonia entre seus pares divinos:

O Ferreiro dos deuses forja armas assimiladas ao raio e relâmpago (‘armas’ que os Deuses celestes das mitologias pré-metalúrgicas possuíam de modo natural); os ferreiros humanos imitam por sua vez o trabalho de seus padrões sobrehumanos.¹²

⁸ Em sânscrito, o termo “vajra” indica o relâmpago ou o brilho do diamante. Na iconografia hindu, budista e jainista, é representado como um cetro, um instrumento capaz de fulminar a ignorância. FRÉDÉRIC identifica sua origem em efígies mesopotâmicas; observa, também, o papel do vajra nos rituais védicos – ele era utilizado pelos oficiantes para dispersar forças malignas nos ambientes sacrificiais. Ver FRÉDÉRIC, L., *Buddhism*, pp.63-66, e BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p. 952.

⁹ “Dharma” = lei, conhecimento sagrado ou meio hábil; “pala” = protetor da terra, rei ou príncipe. Definições extraídas de MONIER-WILLIAMS, *Sanskrit Dictionary*.

¹⁰ BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p. 249. Texto original em inglês. Tradução livre.

¹¹ CIRLOT, J.E.: *A Dictionary of Symbols*, pp. 367-368. Texto original em inglês. Tradução livre.

¹² ELIADE, M., *Imagens e Símbolos*, p.80.

Em um contexto como o do Budismo, no qual o adepto é convidado a superar paixões representadas, muitas vezes, como o deus tentador Mara – em sânscrito, literalmente, “O Fazedor de Mortes”, a personificação do mal relacionada ao reino dos sentidos¹³ – ou como demônios ferozes e armados a ele associados, a presença iconográfica de armas e guerreiros divinos encontra, portanto, uma justificativa simbólica que é pautada, inclusive, pelo princípio da equivalência (Fig. 02)¹⁴.

Pode-se, portanto, considerar uma hipótese segundo a qual, antes de contradizer o primeiro dos Cinco Preceitos, o conjunto de armas e equipamentos de defesa estabelece o campo e as dificuldades do combate, enobrecendo-o.



É possível, ainda, ligar as armas à iconografia a partir de uma conexão mais antiga, pré-budista e anterior à consecução dos Preceitos: como arsenal simbólico,

¹³ BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p.952.

¹⁴ No episódio da Iluminação, as armas são associadas ao obstáculo representado pelo medo. Buscando desestabilizar seu oponente, Mara “se transformou no Senhor da Morte, lançou contra o Buda todas as armas de um exército de monstros. Mas o Buda tinha encontrado em si mesmo aquele ponto imóvel, interior, que pertence à eternidade, intocado pelo tempo. Uma vez mais, não se comoveu e as armas atiradas transformaram-se em flores de reverência”. (CAMPBELL, J., *O Poder do Mito*, p.153).

afinal, elas chegaram muito mais cedo ao psiquismo, o que naturalizou e universalizou seu uso nos mitos e cosmogonias.

3. ANTECEDENTES NO HINDUÍSMO

A hipótese de uma prevalência cronológica das armas sobre o Primeiro Preceito encontra apoio no fato de que muitas das representações marciais budistas se ligam a representações semelhantes encontradas no universo religioso que é o grande referencial do Budismo, o hindu.

A existência de divindades ou heróis sagrados de perfil guerreiro é percebida em períodos mais remotos do Hinduísmo. Um dos mais antigos deuses hindus, Indra – literalmente, *Sakro Devanam Indra*, “Sakra, o Rei dos Deuses”¹⁵ –, tinha entre seus vocativos o de *Destruidor de Fortalezas*; como *Senhor da Chuva* e rei da região intermediária do céu, ele também combatia e submetia demônios associados à escuridão¹⁶. Indra, vale observar, foi incorporado ao panteão budista como um dos guardiões do Dharma e como soberano do Reino dos Deuses¹⁷.

A mesma tendência é visível em cenas descritas no clássico *Mahabharata* e, dentro dele, no *Bhagavad Gita*, poema que narra o diálogo entre o rei guerreiro Arjuna e o deus Krishna, que conduz seu carro, momentos antes da Batalha de Kurukshetra (Fig. 03).

O diálogo tem por mote o fraquejo inicial de Arjuna diante da possibilidade de matar seus parentes – simbolicamente, este acabrunhamento se relaciona à jornada rumo à elevação espiritual¹⁸. Arjuna utiliza-se de um arco, mesmo tipo de arma manejada pelo deus Rama no *Ramayana*, outro clássico hindu. O *Ramayana* tem como mote a guerra contra as hostes de Ravana, rei demônio que havia sequestrado a deusa Sita, esposa de Rama¹⁹.

Dentre as muitas divindades hindus de corte marcial, há algumas que se destacam por sua crueza iconográfica. A mais célebre, certamente, é a deusa Kali, cujo nome é associado à infalibilidade do tempo²⁰, ao último e mais catastrófico dos *Yugas* (éons ou idades) e a termos como “conflito” e “querela”²¹.

¹⁵ BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p.372.

¹⁶ FRAWLEY, D., *Gods, Sages and Kings*, p.115; ELIADE, M., *Imagens e Símbolos*, pp.90-100.

¹⁷ BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism* p.372.

¹⁸ Ver “Bhagavad Gita”, <http://www.bhagavad-gita.org/> (c. 06.09.13).

¹⁹ Ver “Ramayana”, <http://www.sacred-texts.com/hin/rama/index.htm> (c. 06.09.13).

²⁰ ELIADE, M., *Imagens e Símbolos*, p.63.

²¹ MONIER-WILLIAMS, *Sanskrit Dictionary*.



Figura 03 - Krishna (à dir., de joelhos) e Arjuna (à dir., com arco), em representação do século XVI da Batalha de Kurukshetra.

Em sua representação mais comum, a deusa porta um arsenal de armas brancas e tem como adereços um colar de crânios e uma saia de braços humanos; sua língua se projeta para fora da boca, como a de uma serpente; e, com um dos pés, ela pisa no peito de seu consorte, o deus Shiva, submetendo-o no chão. Não se pode esquecer, por certo, o significado mais profundo do papel desempenhado por Kali como divindade que possibilita a recriação do mundo – sua iconografia, porém, afirma a violência da forma mais explícita²².

Outra divindade feroz do panteão hindu é Narasimha, *avatar* (manifestação) do deus Vishnu que tem por missão proteger os devotos em épocas de necessidade (Fig. 04).

Em um episódio do *Bhagavata Purana* (clássico religioso escrito entre os séculos VI e XI), o deus se manifesta como Narasimha – parte homem, parte leão - para aniquilar o demônio Hiranyakashipu, que é eviscerado por suas garras afiadas. As vísceras, aliás, são convertidas em guirlanda pela divindade. Em muitas representações, o deus surge portando objetos sagrados da iconografia hindu, dentre os quais, armas.

²² KINSLEY, D., Hindu Goddess, pp. 116-130.



Figura 04 - Vishnu como Narasimha, aniquilando Hiranyakashipu.

4. AS ARMAS NO CONTEXTO ICONOGRÁFICO BUDISTA

Ao examinar a representação de Narasimha, vemos seus muitos braços. As mãos constroem gestos de poder, os *mudrás*²³, ou portam objetos sagrados como a maçã, o búzio-trombeta, a espada e a flor de lótus. Cada uma dessas configurações possui significado sagrado ou mágico, simbólico e comunicacional, que estabelece um segundo nível de leitura. Ao conhecer esses significados e tomando por base o enunciado de Juan Cirlot, é possível ampliar os limites da leitura imagética. Na medida em que as armas enfeixam poder, ocupam um lugar importante nas iconografias hindu e budista. Como observa Louis Frédéric em relação ao Budismo,

As armas portadas pelas divindades servem para simbolizar o combate por elas travado contra as forças adversas – demônios, ignorância e estupidéz – e

²³ “Mudrá significa ‘selo’, e os mudrás estão relacionados com a mente. Praticar os mudrás mantém a mente fixa nos pontos sobre os quais eles são aplicados”, S. SATCHIDANANDA, apud CARROLL, C.; CARROLL, V., *Mudras of India C*, p.21. Trad. livre. Ver, também, ELIADE, M. *Yoga – Imortalidade e Liberdade*, pp.179-180; BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p.551.

simbolizam a proteção do Buda e da Lei Budista. Em alguns casos, também representam as virtudes e poderes.²⁴

Uma excepcional representação de um Budismo "armado" é a de *Kannon de Mil Braços e Mil Olhos* – *Avalokitesvarasahasrabhujanetra* ou *Sahasrabhujasahasranetravalokitesvara* -, bodhisattva especialmente reverenciado, nesta configuração iconográfica, no Japão, mas também na China, Coreia e Tibete. A divindade porta várias armas herdadas da iconografia hindu, como a flecha, a espada, a albarda, o tridente, o *vajra* e o escudo (Fig. 05); acredita-se, inclusive, que a configuração de muitos braços e rostos tenha sua origem na iconografia anterior de deuses hindus como Indra, Vishnu e Shiva²⁵.

A tradição nipônica, vale observar, guarda apreço pelas representações ferozes, algo que parece se associar à antiguidade e à força do Budismo Esotérico (Vajrayana) no país, em especial nos períodos Nara (710-794) e Heian (794 – 1185). Dentre as 128 estátuas budistas relacionadas como Tesouros Nacionais do Japão, 42 portam armas ou armaduras, ou, então, ostentam expressões como a da Figura 06²⁶.



Figura 05 - Kannon de Mil Braços. Estátua do Século VIII. Templo Toshodai-Ji, Nara (Japão).

²⁴ FRÉDÉRIC, L., *Buddhism – Flammarion Iconographic Guides*, pp. 66. Texto original em inglês. Tradução livre.

²⁵ BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p.736.

²⁶ Sobre os Doze Gerais de Bhaisajyaguru e a descrição de suas armas, ver FRÉDÉRIC, L., *Buddhism – Flammarion Iconographic Guides*, pp.114-116. Para uma relação das esculturas budistas relacionadas como Tesouros Históricos do Japão, ver http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_National_Treasures_of_Japan_%28sculptures%29 (c. 29.08.13).

Louis Frédéric e Mark Schumacher²⁷ apontam cinco grupos de armas-símbolo que o Budismo, em especial o da tradição Vajrayana (tântrico ou esotérico), herdou do Hinduísmo: vajras, espadas, lanças e tridentes (armas longas), machados e arcos-e-flecha.



Essas representações também participam da iconografia do Budismo Mahayana. Cada um desses grupos se volta ao combate de oponentes específicos:

- Os vários modelos de *vajra* (com dois, três ou mais garras em cada extremidade, configurados como gládio, roda etc.) seriam uma representação do poder, da luz brilhante que dispersa ou submete demônios (Fig. 07)²⁸;

²⁷ FRÉDÉRIC, L., Buddhism – Flammarion Iconographic Guides; SCHUMACHER, M., Objects, Symbols, and Weapons.

²⁸ Em várias representações, caso da apresentada na Figura 08, o vajra aparece composto com outra arma, como a espada ou o bastão. É possível que essa hibridização indique um estágio intermediário de transformação da arma real em arma simbólica (o próprio vajra).

- As espadas e sabres, instrumentos para extirpar a ignorância ou atacar os poderes malignos, ou ainda, para sinalizar a supremacia da compreensão do Dharma;



Figura 07 - Vajra com sete garras em cada extremidade.

- As lanças e tridentes se ligam à ideia de virilidade e da penetração da verdade budista em um contexto de escuridão. No caso dos tridentes (herdados da Trishula, arma que identifica a Tríade Hindu), eles também são associados às *Três Joias* - o Buda, o Dharma e a Sangha (comunidade de fiéis);
- Os machados, ao mesmo tempo armas e ferramentas, se ligam ao início da jornada espiritual, à remoção dos obstáculos e ao clareamento dos domínios do espírito. Em alguns casos, também são apresentados como armas de proteção do Dharma;
- Pela destreza e pela concentração que exigem de seus usuários, os arcos-e-flecha são associados à sabedoria e à motivação. Também são relacionados à destruição das paixões.

ACALANĀTHA-VidyāRaja, O PROTETOR INAMOVÍVEL

Dentre as representações iconográficas marciais no contexto do Budismo, uma das mais célebres é a de Acala (sânscrito), Budong Fo (chinês) ou Fudo-myo (japonês), nome que pode ser traduzido como *O Inamovível*. Trata-se de uma divindade originária do Hinduísmo – Acalanātha, o *Protetor Inamovível* – que foi incorporada pelo Budismo Vajrayana e Mahayana como Acalanātha-Vidyāraja. Ela pertence à categoria dos *Reis do Conhecimento Místico ou Mágico (Vidyārājas)*, que simboliza a vitória dos cinco Jinas – *Tathāgatas ou Grandes Budas da Sabedoria - sobre as paixões e desejos.*²⁹

²⁹ FRÉDÉRIC, L., Buddhism – Flammarion Iconographic Guides, pp.124-148; 201-218.

Especialmente venerado no Japão (pelas escolas Shingon, Tendai, Zen e Nichiren), Fudo-myo é mostrado como um ser agigantado e musculoso – o próprio modelo de guerreiro mítico. Em muitas representações, aparece com um laço na mão esquerda, para prender demônios, e uma espada ou *vajra* na direita, para abatê-los (Fig. 08)³⁰; também pode ser pintado ou esculpido apresentando presas semelhantes às do javali.

Por vezes, em especial na cultura chinesa, a imagem de Acala é relacionada à de Vajrapani (em sânscrito: *relâmpago na mão* ou *portador do relâmpago*), um dos *bodhisattvas* mais antigos, ligado à proteção do Buda ou a seu poder de vencer a ignorância³¹. Suas representações, aliás, foram associadas às de deuses e semideuses gregos como Zeus e Hércules pela Tradição Gandhara, estabelecida, a partir do contato entre os exércitos de Alexandre e populações budistas e hindus, em territórios hoje pertencentes ao Paquistão e ao Afeganistão.³²



Figura 08 - Acala, Mausoléu Okunoin, Japão.

³⁰ Mircea Eliade refere-se ao laço como arma mágica de Indra – ele se associa ao nó, ao atar, e tem por fim prender e submeter infalivelmente os inimigos. Ver ELIADE, M., *Imagens e Símbolos*, p.90.

³¹ BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, p.955.

³² TANABE, K., *Why Is the Buddha Śākyamuni Accompanied by Hercules / Vajrapā ?* In: *East and West*, p.364.

Teríamos, então, elementos de uma iconografia budista "guerreira" que encontra antecedentes não só no Hinduísmo, mas nas divindades e mitos gregos. Em algumas das representações apontadas por Katsumi Tanabe, Vajrapani é apresentado portando não um *vajra*, mas uma maça ou clava de madeira – arma associada a Hércules.

Na China, no contexto do mosteiro budista de Shaolin - que, a partir do século VII, construiu um poderoso imaginário associado às artes marciais -, Vajrapani inspirou outra divindade, o espírito tutelar Jinnaluo, que usa um avivador de brasas para destruir os inimigos dos monges e do Dharma (Fig. 09 e 10). Se aceitarmos a possibilidade de cruzamentos iconográficos no contexto da *fusão budista taoísta* das Dinastias Han a Tang³³, é possível supor, inclusive, a incorporação budista de armas originárias da iconografia religiosa do Taoísmo, como as espadas mágicas.



A HIPÓTESE DA "INVERSÃO DE ÍNDOLE" DOS DEMÔNIOS

Em seu estudo sobre o Mosteiro de Shaolin, Meir Shahrar aponta uma interessante segunda via de ingresso das armas e das divindades de corte marcial, relacionada à expansão do Budismo pela Ásia, à oferta religiosa e à conquista de

³³ MOLLIER, C., Buddhism and Taoism face to face.

adeptos. Ela diz respeito a um engenhoso processo de conversão religiosa e de “inversão de índole” de entidades espirituais originalmente temidas pelas comunidades não budistas contatadas.

Divindades guardiãs como Vajrapāni ganharam seus postos tutelares em função de sua familiaridade com os inimigos da fé. Muitas vezes, elas começaram suas carreiras como demônios menores que foram convertidos ao budismo para combater seus semelhantes renitentes. Como especialistas em maldades, são considerados o mais efetivo antídoto contra demônios de poder semelhante.³⁴

Shahar relata que, ao chegar a novos territórios, os primeiros pregadores budistas tomavam conhecimento das crenças e dos temores das populações locais; identificavam os espíritos, demônios e fantasmas, que, por meio de rituais e garantias públicas, eram “convertidos” ao Dharma. Dessa forma, o “demônio da doença ‘x’”, por exemplo, passava à condição homeopática de “protetor budista dos crentes contra a doença ‘x’”.

Essa inversão de índole não implicava, porém, mudança do poder ou dos atributos iconográficos anteriores. As armas, escamas, flamas, músculos, chifres, presas, a cor estranha da pele e os olhos esbugalhados continuavam os mesmos, mas com uma finalidade bem diferente – prova definitiva do poder do Dharma. A mesma hipótese, vale observar, é indicada por Robert Buswell e Donald Lopez em sua descrição de várias entidades do panteão budista.

CONCLUSÃO

Neste artigo, buscamos apresentar um aspecto relevante da iconografia budista, associado à presença de entidades armadas e ferozes. Nossa proposta foi, em primeiro lugar, trazer informações básicas sobre essas imagens – investigar suas raízes e alguns de seus significados simbólicos; subsidiariamente, fizemos uma aproximação em relação ao campo das representações não budistas do Budismo, que, entre nós, parecem se basear na associação da religião com a paz, com a tranquilidade e com as figuras do *Buda Sorridente* e do *Buda Meditativo*.

No que respeita à investigação da origem das divindades armadas e das armas, pudemos perceber, em primeiro lugar, que, a despeito das restrições da religião ao uso da violência (indicadas no Primeiro Preceito), o Budismo faz uso de um arsenal simbólico arcaico e universal.

Em segundo lugar, observamos o enorme valor da iconografia hindu para a iconografia budista, algo que se justifica em termos históricos e teológicos. Na

³⁴ SHAHAR, M., O Mosteiro de Shaolin, p.54.

medida em que o Hinduísmo não via restrições às representações de entidades guerreiras, esta mesma disposição foi transmitida ao Budismo. Em ambos os casos, o conjunto de armas e armaduras tem como finalidade simbólica a aniquilação de inimigos que dificultam ou impedem a evolução espiritual.

Em terceiro lugar, a partir de uma abordagem que merece ser aprofundada em estudos futuros, indicamos a possibilidade de que a iconografia marcial budista tenha sido influenciada, também, pelas iconografias marciais de religiões como a grega e a taoísta.

Por fim, em quarto lugar, encontramos a hipótese da *conversão dos demônios* trabalhada por Meir Shahar, que permite compreender um dos motivos que levaram o Budismo a manter figuras assustadoras em seu panteão. Tal presença se justificaria tanto em termos de um compromisso teológico dos demônios com o Budismo quanto no poder simbólico da iconografia associada à violência: armas, presas, chifres e feições iracundas são indícios de uma motivação poderosa e avisos aos adversários da fé.

No contexto de nossa abordagem subsidiária, relativa à presença e à receptividade de uma iconografia budista "das armas" junto ao público brasileiro, observamos que ela não parece fazer parte das representações médias a respeito do Budismo.

Se os Budas furiosos surgem em contextos muito específicos, como o dos interessados em tatuagens de estilo oriental³⁵, isso parece não acontecer em relação ao brasileiro médio não budista, que se conectaria de forma mais intensa - por conta das ofertas do mercado esotérico-decorativo - a imagens como as dos budas sorridente e meditativo, assim como à palavra *zen* como sinônimo de paz e tranquilidade.

Referências Bibliográficas

ADOLPHSON, M., *The Teeth and Claws of the Buddha*, Honolulu: University of Hawai'i Press, 2007.

ALPINE BUDDHA DECORATIVE STATUE, em <http://www.wayfair.com/Alpine-Buddha-Decoration-Statue-GEM170-ACO1695.html> (c. 10.08.13).

BHAGAVAD GITA, texto integral disponível em <http://www.bhagavad-gita.org/> e em <http://gita.vraja.net/> (c. 06.09.13).

BHAGAVATA PURANA, texto integral disponível em <http://bhagavata.org/> (c. 06.09.13)

³⁵ Motivos budistas são comuns na tatuagem tradicional do Japão. Dentre eles, têm destaque os relacionados a figuras armadas como a do Fudo-myō. A esse respeito, ver FELLMAN, S., KITAMURA, K e T. & TANJU, J., *The Japanese Tattoo*.

- BHIKKU BODHI, *The Noble Eightfold Path - The Way to the End of Suffering*, <http://www.bps.lk/olib/wh/wh308.pdf#pagemode=bookmarks&nameddest=> (c. 21.08.13).
- BIKKU SĪLĀCĀRA, *Taking the Precepts*, publicado pela Buddhist Publication Society (Sri Lanka), <http://www.bps.lk/olib/wh/wh055.pdf> (c. 21.08.13).
- BUSWELL, R.; LOPEZ, D., *The Princeton Dictionary of Buddhism*, Princeton (NJ): Princeton University Press, 2014.
- CAMPBELL, J., *O Poder do Mito*, São Paulo: Palas Athena, 1991.
- CARROLL, C.; CARROLL, V., *Mudras of India – A Comprehensive Guide to the Hands Gestures of Yoga and Indian Dance*, London: Singing Dragon, 2012.
- CIRLOT, J.E.: *A Dictionary of Symbols*, New York: Philosophical Library, 1971.
- DAHLKE, P., *The Precepts in Buddhism*, publicado pela Buddhist Publication Society (Sri Lanka), <http://www.bps.lk/olib/wh/wh055.pdf> (c. 21.08.13).
- DICIONÁRIO CALDAS AULETE, <http://aulete.uol.com.br/index.php> (c. 10.08.13).
- DICIONÁRIO PRIBERAM, <http://www.priberam.pt/> (c. 10.08.13).
- ELIADE, M., *Imagens e Símbolos*, Lisboa: Editora Arcádia, 1979.
- _____, *Yoga – Imortalidade e Liberdade*, São Paulo: Palas Athena, 1996.
- FELLMAN, S., KITAMURA, K e T. & TANJU, J., *The Japanese Tattoo*, New York: Abbeville Press, 1987.
- FRAWLEY, D., *Gods, Sages and Kings – Vedic Secrets of Ancient Civilization*, Delhi: Motilal Basarnidass, 1995.
- FRÉDÉRIC, L., *Buddhism – Flammarion Iconographic Guides*, Paris: Flammarion, 1995.
- KEOWN, D., *Buddhism - A Very Short Introduction*, Oxford: Oxford University Press, 2013.
- KINSLEY, D., *Hindu Goddess: visions of the feminine in Hindu religious tradition*, Berkeley, Los Angeles: Berkeley University Press, 1988.
- MENINA Zen, <http://www.meninazen.com.br/>, (c. 12.08.13).
- MOLLIER, C., *Buddhism and Taoism face to face: scripture, ritual and iconographic Exchange in medieval China*, Honolulu: University of Hawai'i Press, 2009.
- MONIER-WILLIAMS, *Sanskrit Dictionary*, <http://sanskritdictionary.com> (c. 09.08.13).
- OATES, L., *The Role of Precepts*, publicado pela Buddhist Publication Society (Sri Lanka), <http://www.bps.lk/olib/wh/wh055.pdf> (c. 21.08.13).
- RAINBOW LAUGHING BUDDHA, <http://chooseyourpeace.com/portfolio/rainbow-laughing-buddha/>, (c. 10.08.13).
- RAMAYANA, <HTTP://WWW.SACRED-TEXTS.COM/HIN/RAMA/INDEX.HTM> (c. 06.09.13).
- SCHUMACHER, M., *Objects, Symbols, and Weapons Held by 1000-Armed Kannon & Other Buddhist Deities*, <http://www.onmarkproductions.com/html/objects-symbols-weapons-senju.html#resources> (c. 31.08.13).

SHAHAR, M., *O Mosteiro de Shaolin – História, Religião e as Artes Marciais Chinesas*, São Paulo: Perspectiva, 2011.

TANABE., K., Why Is the Buddha Śākyamuni Accompanied by Hercules/ Vajrapāai? Farewell to Yakaa-theory. In: *East and West*, vol. 55, no. 1/4, 2005, pp.363-381.

TESOUROS *Históricos do Japão*, http://en.wikipedia.org/wiki/List_of_National_Treasures_of_Japan_%28sculptures%29 (c. 29.08.13).

ZEN Massagens, <http://zenmassagens.com.br/>, (c. 12.08.13).

ZEN Pilates, <HTTP://WWW.ZENPILATES.COM.BR/>, (c. 12.08.13).

Recebido: 11/09/2013

Aprovado: 18/10/2013